

Musicografia Braille: relato de experiência no curso de licenciatura da EMUFRN

Jhon Kleiton Santos de Queiroz
Escola de Música – UFRN
kleitonmusica@gmail.com

Chandra Thais Mendes dos Santos
Escola de Música – UFRN
c_thais13@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo central traçar um relato de experiência vivenciada nas disciplinas Musicografia Braille I e a II, ofertadas pelo curso de Licenciatura em Música da UFRN. Embora a legislação nacional não indique a obrigatoriedade da oferta dessas disciplinas nos cursos de graduação, a Escola de Música passou a oferta-las diante dos vários projetos que mantém no atendimento às pessoas com deficiência visual. Utilizou-se como metodologia o levantamento bibliográfico e relato dessa experiência enquanto alunos em seu processo de formação inicial. Diante do exposto, concluiu-se que o conhecimento da musicografia Braille é uma ferramenta necessária tanto para a pessoa com deficiência visual como para o educador musical.

Palavras chave: Musicografia Braille, Educação especial, Educação musical.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo central traçar um relato de experiência vivenciada na turma das disciplinas Musicografia Braille I e II, ofertadas pelo curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Embora a legislação nacional não indique a obrigatoriedade da oferta dessas disciplinas nos cursos de graduação, a Escola de Música passou a oferta-las diante dos vários projetos a qual mantém o atendimento às pessoas com deficiência visual.

A disciplina Musicografia Braille I teve seu início no período letivo de 2013.2 e respectivamente a de Musicografia braille II em 2014.1. Embora ofertadas em caráter eletivo, verificou-se a importância das mesmas para os alunos em formação inicial, os quais passaram a entender a lógica do sistema Braille e, assim, desmistificar a ideia preconcebida da dificuldade de seu aprendizado. Essa questão da dificuldade do Braille também é notável no ensino das pessoas com deficiência visual. Tomé (2003, p. 34), também diz que, “é inaceitável que continuem exibindo-se filosofias errôneas diante da dificuldade de eleger o

código de leitura-escrita principal para determinadas pessoas com deficiência visual muito grande.”

Metodologia

Foi realizada análise dos conteúdos ministrados e atividades propostas, bem como dos recursos metodológicos e tecnológicos empregados. Também, foram feitos registros da reação dos alunos frente à temática no que diz respeito à quebra de paradigmas e estereótipos.

Durante as aulas, foram aplicados conhecimentos acerca da história do criador do sistema, Louis Braille; das formas como lidar com pessoas com deficiência visual e os aspectos envolvidos no seu desenvolvimento psicológico; dos tipos e graus de deficiência; sobre os recursos tecnológicos disponíveis que auxiliam tanto o educador para o trabalho junto à pessoa com deficiência. Somente após essa fase inicial, é que foi introduzido o Sistema Braille e os primeiros símbolos da musicografia Braille. Como metodologia foram realizadas aulas expositivas, práticas, apresentação de vídeos e documentários, e, ainda, vídeo-aulas. Como recursos de escrita da notação musical em Braille foram utilizados o software Musibraille a reglete positiva.

FIGURA 1 – Utilizando reglete e punção na disciplina de Musicografia Braille.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Conclusão

Portanto, em ambas as disciplinas verificou-se a importância da mesma para os alunos em formação inicial que passaram a entender a lógica do sistema Braille e, assim,

desmistificaram a ideia preconcebida da dificuldade de seu aprendizado. De posse dos conteúdos iniciais também passaram a ter uma vivência prática de transcrição de partituras para diversos instrumentos como violão, violino, flauta transversal e flauta doce.

Diante do exposto, concluiu-se que o conhecimento da musicografia Braille é uma ferramenta necessária tanto para a pessoa com deficiência visual como para o educador musical. Mesmo que algumas ferramentas tecnológicas sejam de difícil acesso para as pessoas com deficiência visual, “esses avanços tecnológicos, sem dúvida, trouxeram grandes benefícios para as pessoas cegas, alargando as perspectivas e comunicação e de trabalho.” (SILVA, 2008, p. 65).

Considerações finais

Foi possível perceber a importância das disciplinas para a quebra dos paradigmas e estereótipos dos discentes tanto em relação à pessoa com deficiência, como também em relação ao próprio sistema e a musicografia Braille.

O fato de vivenciar de perto essa experiência enquanto aluno das disciplinas, permitiu um novo olhar para a educação musical das pessoas com deficiência visual. Quem é leigo em música, ao ver uma partitura, também pode achar que não é capaz de aprender todo o significado daqueles códigos. É preciso conhecer para se sentir mais capaz de transmitir o conhecimento adquirido de forma consciente.

Referências

TOMÉ, Dolores. Introdução à musicografia Braille. São Paulo: Global, 2003.

SILVA, Lucia Guacira dos Santos. Inclusão: uma questão, também de visão. O aluno cego na escola comum. João Pessoa: Editora Universitária, 2008. 256p.